

José Alberto, um homem e um segredo

Kátia Maria Nunes Campos¹

Imagino que todos os que conheceram e amaram o nosso velho professor terão muito que lembrar do seu jeito mineiro de ser, de sua modéstia orgulhosa e de estar sempre a serviço dos outros e da educação. Talvez evoquem sua imbatível autoridade intelectual e moral ou sua paixão atleticana, sua intensidade ou seu dramático gestual de ator que sabia ter o domínio do palco e trazia a plateia no dedo mindinho.

Era assim que as aulas transcorriam às vezes, pelo menos na minha memória e apreciação. Mas havia aquelas aulas intimistas, com quatro ou cinco alunos ao redor de uma mesa, em que ele se recostava na cadeira, por alguns segundos, braços jogados para trás e dedos trançados na nuca. Mas, de chofre, se inclinava para nós, enfatizando alguma lição e modulando a voz, subindo ou descendo o tom, de acordo com a relevância dos pontos que levantava.

De vez em quando nos atirava uma pergunta à queima roupa, no susto, e fincava um olhar escrutinador no rosto do pobre escolhido. Era mais assustador quando olhava a gente por cima dos óculos e a gente se encolhia na cadeira.

“Misericórdia, é comigo. Vou me lascar na resposta e vou ouvir bronca.”

Imagine, que nada. Até podia ter bronca, mas logo se desfazia em mansidão, sorrisinho no canto da boca. O coração voltava a bater e a gente respirava. Mas não esquecia fácil a explicação ou a correção. E, quando vinha um elogio ou um lindo e redondo 100, era a glória absoluta. Tive um ou dois momentos desses, que ainda me aquecem o coração.

Enfim, para falar do quanto ele foi grande como cientista, professor e como amigo, os testemunhos serão incontáveis e diversos. Mas eu tenho um pouquinho mais. Tenho uma especial dívida de gratidão com o Professor José Alberto que será impossível resgatar e dela participa outra grande alma, o Eduardo Rios-Neto. A minha turma deveria ser de dez vagas apenas. Fui a número 11, com reduzida chance de aceitação. Afinal, eu não tinha nada do perfil acadêmico adequado para alcançar proficiência numa grade tão complexa e substancial, exigida pelo programa. Era só uma historiadora graduada. Fiquei pendurada, acho eu.

Aí veio o José Alberto e bateu o martelo, com o apoio do Eduardo. Porque tiveram fé em mim, não vou entender nunca. O próprio Zé me disse, uma vez, que, nos nossos primeiros contatos, chegou a ter sérias dúvidas se a decisão havia sido correta. Depois de ouvir meus planos originais, não achou que fosse dar certo, era demais para os meus modestos predicados...

Acho que me assustei. “Mas vai escutando...” Foi me contando a história do titubeante começo e me confessou o alívio ao constatar que não estava indo nada mal. “Você deu um salto que me surpreendeu”.

Uau, sou eu mesma?

¹ Pesquisadora de História Demográfica do Instituto Diogo de Vasconcelos, Ouro Preto.

Já no doutorado, em sua fase final, passei no escritório dele com uma linda muda de ipê roxo e outra de ipê amarelo, que ele me pedira para plantar no famoso sítio. Eu tinha (ainda tenho) a mania de plantar e distribuir mudas dessas árvores. Estávamos na fase final do meu doutorado, quase na época da defesa de tese e ele mencionou ter lido a minha tese, em que eu havia cumprido tudo o que pretendia, desde o início. Quem diria, hein? E me perguntou se havia estudado em escola pública. “Sim, senhor.”

“Parabéns à sua escola e aos professores de Ouro Preto. A tese não é nenhuma peça literária ou de estilo, mas tem seus méritos. Pelo menos, não tive de corrigir ortografia ou erros de gramática.” (E sorriu aquele sorrisinho maroto.) “Talvez uma ou outra vírgula. Vá lá, fiquei muito orgulhoso do seu desempenho e da qualidade da tese, apesar desse seu mau gênio criador de caso (era eu mesma). E vou fazer parte de sua banca, com muita satisfação”.

Saí do escritório, flutuando.

A verdade é que toda aquela generosidade transformou minha vida e redirecionou minha caminhada de uma provável estagnação para o exercício contínuo e estimulante da pesquisa científica. Sem o apoio do Zé, provavelmente nunca mais teria me candidatado a nenhum outro programa, ficando perpetuamente como uma simples e chocha graduada.

Mas alcancei meu doutorado cedeplariano (que é privilégio para mais de metro) e ainda estou na luta, tentando me manter produtiva e à altura da grandeza de um legado humildemente recebido. É claro que também sou imensamente grata a todos os outros professores e nem saberia dizer qual seria meu favorito, mas o Professor José Alberto era a alma viva do departamento. Penso que ele teceu algum laço espiritual comum, quase religioso, que nos uniu a todos. Éramos do Cedeplar e, no centro desse círculo, o “nosso Zé”, o verdadeiro e único. Eu tenho certeza de que José Alberto descobriu e dominou o segredo da vida, fosse qual fosse. Fomos todos irremediavelmente contagiados e, graças a esse grande brasileiro, estamos condicionados a ser mais e melhores do que seríamos (eu, mais do que muitos), se ele não tivesse passado pelas nossas vidas.

Obrigada, Zé.